



**O PAPEL DO PROJETO ARTESANATO SUSTENTÁVEL SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE QUE ADENTRAM OS PORTÕES DA ESCOLA**

***EL PAPEL DEL PROYECTO ARTESANAL SUSTENTABLE EN CUESTIONES DE GÉNERO Y DIVERSIDAD QUE INGRESAN A LAS PUERTAS DE LA ESCUELA***

***THE ROLE OF THE SUSTAINABLE CRAFT PROJECT ON GENDER AND DIVERSITY ISSUES THAT ENTER THE SCHOOL GATES***



Luciane da Silva VICENTE<sup>1</sup>  
e-mail: lusivisv@hotmail.com

**Como referenciar este artigo:**

VICENTE, L. da S. O papel do Projeto Artesanato Sustentável sobre questões de gênero e diversidade que adentram os portões da escola. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. 00, e023018, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24i00.17613>



| **Submetido em:** 08/01/2023  
| **Revisões requeridas em:** 05/05/2023  
| **Aprovado em:** 22/06/2023  
| **Publicado em:** 05/10/2023

**Editor:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup>Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo – SP – Brasil. Professora de Ensino Fundamental II e Médio na rede Municipal de São Paulo. Doutora em Educação.

**RESUMO:** O presente texto traz um relato de experiência vivenciado no desenvolvimento de um projeto de educação ambiental realizado numa escola pública municipal de ensino fundamental da zona leste de São Paulo. Intitulado de Artesanato Sustentável, o referido projeto teve como premissa desenvolver a consciência ambiental e preconizar práticas de responsabilidade social que visem o reaproveitamento de resíduos sólidos urbanos. No entanto, no decorrer do seu desenvolvimento, o fazer artesanal se configurou como uma potente estratégia para discussão de questões relativas a gênero, sexualidade e diversidade sexual. Neste sentido, o objetivo central do presente trabalho é apresentar as contribuições do *Projeto Artesanato Sustentável* no combate aos discursos reguladores que produzem desigualdades no âmbito da diversidade humana. Essa experiência oportunizou conhecer outras perspectivas para abordagem da temática *diversidade sexual* na escola e ressignificar sentido da resistência no que tange o trabalho com a educação sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Ambiental. Artesanato Sustentável. Gênero. Diversidade.

**RESUMEN:** *El presente texto trae un relato de experiencia vivida en el desarrollo de un proyecto de educación ambiental realizado en una escuela primaria pública municipal en la zona este de São Paulo. Titulado Artesanía Sustentable, el mencionado proyecto tuvo como premisa el desarrollo de la conciencia ambiental y la promoción de prácticas de responsabilidad social orientadas a la reutilización de los residuos sólidos urbanos. Sin embargo, en el transcurso de su desarrollo, la artesanía se ha convertido en una poderosa estrategia para discutir temas relacionados con el género, la sexualidad y la diversidad sexual. En este sentido, el objetivo principal de este trabajo es presentar los aportes del Proyecto Artesanía Sostenible en la lucha contra los discursos normativos que producen desigualdades en el ámbito de la diversidad humana. Esta experiencia permitió conocer otras perspectivas de abordaje del tema de la diversidad sexual en la escuela y redefinir el sentido de la resistencia en términos del trabajo con la educación sexual.*

**PALABRAS CLAVE:** *Educación Ambiental. Artesanía Sostenible. Género. Diversidad.*

**ABSTRACT:** *The present text brings an experience report lived in the development of an environmental education project conducted in a municipal public elementary school in the east zone of São Paulo. Entitled Sustainable Craftsmanship, the aforementioned project had as its premise the development of environmental awareness and the promotion of social responsibility practices aimed at reusing solid urban waste. However, during its development, craftsmanship has become a powerful strategy for discussing issues related to gender, sexuality, and sexual diversity. In this sense, the main objective of this work is to present the contributions of the Sustainable Craft Project in the fight against regulatory discourses that produce inequalities within the scope of human diversity. This experience made it possible to learn about other perspectives for approaching the theme of sexual diversity at school and to redefine the meaning of resistance in terms of work with sex education.*

**KEYWORDS:** *Environmental Education. Sustainable Craftsmanship. Gender. Diversity.*

## Introdução

O artesanato sustentável é uma prática voltada para o campo da educação ambiental que consiste em transformar materiais comumente descartados no lixo em objetos artesanais. Alinhado à conduta de contribuir com a sustentabilidade e melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas no processo, o artesanato sustentável tem como premissa desenvolver a consciência ambiental e preconizar práticas de responsabilidade social que visem a reutilização de resíduos sólidos urbanos.

Nessa perspectiva, uma parte dos resíduos que iriam parar nos lixões, córregos, rios ou oceanos assume outra forma por meio do reaproveitamento, reduzindo os danos ao meio ambiente. Para além do fazer artesanal, o *Projeto Artesanato Sustentável* visa construir um ambiente de aprendizagem em que os estudantes analisam situações, discutam ações e atuem para solução de problemas através de processos de cooperação. Nesse sentido, fundamenta-se a aprendizagem para a mudança social.

No desenvolvimento das atividades do *Projeto Artesanato Sustentável* foi empregada a metodologia ativa, baseada em problemas, possibilitando que os estudantes desenvolvessem seu potencial criativo, partilhassem ideias e apreendessem os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento planejados no *Currículo da Cidade de São Paulo*.

Berbel (2011, p. 29) define *Metodologias Ativas* como “formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos”.

Dito de outro modo, são situações de aprendizagem que impulsionam o potencial intelectual dos estudantes quando instigados a elaborá-las e reelaborá-las em função do que precisam argumentar. No contexto do *Projeto Artesanato Sustentável*, implica o emprego de conceitos das ciências naturais, influências mútuas entre ciência e sociedade, linguagem artística, experiência estética, assim como, saberes e fazeres culturais.

Com início em março de 2022, o *Projeto Artesanato Sustentável*, contemplou duas turmas, ambas ministradas no contraturno escolar, totalizando 48 estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental. As turmas eram mistas e compunham estudantes dos dez aos quinze anos de idade.

A realização dos trabalhos artesanais proporcionou momentos de muita interação e, conseqüentemente, a abordagem de diversos assuntos, dentre os quais as questões relativas à sexualidade foram predominantes no contexto de desenvolvimento desse projeto. Política,

igualdade de gênero, racismo, homofobia e transfobia foram os assuntos mais debatidos entre os estudantes.

Os debates são uma oportunidade de fala, de escuta, de aprendizagem e, principalmente, de desnaturalizar a violência e de combater o preconceito vigente nas esferas da consciência humana. Pelo exposto, emerge a questão que conduzirá este relato de experiência: Como as abordagens da educação ambiental e das artes visuais podem alimentar práticas de resistência aos discursos hegemônicos envolvendo gênero e diversidade?

Para contextualizar as representações de gênero que incidem sobre o cotidiano escolar e as resistências que podem ser fomentadas através do trabalho artesanal, é exposto algumas situações ocorridas no desenvolvimento do *Projeto Artesanato Sustentável*, as quais se apoiam nos pressupostos teóricos fundamentados por Louro (1997; 2003; 2012).

Lecionando em escolas públicas há pouco mais de vinte anos, foi percebido o quanto a ausência de práticas educativas no viés da diversidade humana impacta na aprendizagem, no acolhimento às diferenças e no respeito à diversidade sexual. É com essa perspectiva que serão problematizadas as abordagens da temática gênero e diversidade no desenvolvimento de um *Projeto de Educação Ambiental* e as práticas de resistências que podem surgir daí.

Neste sentido, o objetivo central do presente trabalho é apresentar as contribuições do *Projeto Artesanato Sustentável* no combate aos discursos reguladores que produzem desigualdades no âmbito da diversidade humana.

Mas antes de adentrar à problemática, se faz importante uma breve abordagem sobre a educação ambiental e sua relação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) planejados no currículo da rede municipal de ensino de São Paulo.

### **A Educação Ambiental e sua relação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) planejados no currículo da cidade de São Paulo**

Segundo Carvalho (2008), Educação Ambiental (EA) é uma dimensão do movimento ecológico que busca envolver grupos sociais na construção de novas maneiras de se relacionar com o meio ambiente, objetivando a ação para a transformação. Nessa direção, a autora aponta que

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente (CARVALHO, 2008, p. 37).

Em outras palavras, significa dizer que a compreensão da problemática ambiental requer uma visão mais abrangente de meio ambiente que inclua não apenas o campo das ciências naturais, mas também das lutas sociais, tendo como horizonte o enfrentamento dos desafios e das crises da contemporaneidade.

De acordo com Sato e Carvalho (2005), existem diferentes maneiras de se conceber e praticar a educação ambiental, as quais denominam de *correntes de educação ambiental*. Tais correntes constituem-se de proposições pedagógicas que não necessariamente irão solucionar um problema ambiental, mas sim, oportunizar as pessoas o traçar da sua própria história.

A saber, as *correntes de educação ambiental* são categorizadas conforme o enfoque pedagógico que apresentam e nomeadas de: a) naturalista; b) conservacionista/recursista; c) resolutiva; d) sistêmica; e) científica; f) humanista; g) moral/ética; h) holística; i) biorregionalista; j) praxica; k) crítica; l) feminista; m) etnográfica; n) co-educação; o) corrente da sustentabilidade. Cada corrente se diferencia, por algumas particularidades, no entanto, pode compartilhar algumas proposições.

Dentre as correntes teorizadas pelas autoras supracitadas, a título de contextualização, será discorrida brevemente sobre corrente da sustentabilidade por possuir estreita relação com o *Projeto Artesanato Sustentável*.

A corrente da sustentabilidade, segundo Sato e Carvalho (2005), foi difundida em meados dos anos de 1980, em virtude de compromissos assumidos na Conferência Eco-92 e, gradativamente, foi ganhando espaço no meio educacional. Em sua essência, a corrente da sustentabilidade abarca concepções e práticas que visam instituir a utilização racional dos recursos naturais, de modo a assegurar sua disponibilidade às futuras gerações.

Considerando que o desenvolvimento econômico é a base de sustentação do desenvolvimento da sociedade, a função de uma educação que responda às necessidades do desenvolvimento sustentável deve considerar os processos atuais ligados ao fenômeno da globalização e das preocupações sociais, em particular, à melhoria da qualidade de vida das pessoas de maneira igualitária.

No âmbito pedagógico, a corrente da sustentabilidade abarca diversas possibilidades de intervenções educativas, dentre as quais, insere-se a reutilização/redução da geração de resíduos. Com essa perspectiva, o *Projeto Artesanato Sustentável* ampara-se na criação de um espaço dialógico, criativo e reflexivo capaz de viabilizar práticas pedagógicas fundamentadas

na coletividade que intentam construir condutas humanas comprometidas com o futuro do planeta.

De acordo com estudos realizados por Carvalho (2008), o trabalho com a Educação Ambiental requer um olhar atento para a heterogeneidade histórica, cultural, econômica e ambiental na qual o público-alvo se insere. Nesse sentido, nos chama à atenção para necessidade de leitura prévia do ambiente.

“ler” o ambiente é apreender um conjunto de relações sociais e processos naturais, captando as dinâmicas de interação entre as dimensões culturais, sociais e naturais na configuração de dada realidade socioambiental. Para chegar a isso, não basta observar passivamente o entorno, mas é importante certa educação do olhar, aprender a “ler” e compreender o que se passa à nossa volta (CARVALHO, 2008, p. 86, grifos da autora).

Compartilhando dessa intencionalidade educativa, o *Currículo da Cidade de São Paulo* engloba temáticas incorporadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), pactuados na Agenda 2030 pelos 193 países-membros das Nações Unidas em todas as etapas da educação básica.

A incorporação dos ODS ocorre de forma articulada aos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento das diferentes áreas de conhecimento, por meio da seleção de temas e metodologias que estejam consoantes com a proposta de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) da UNESCO. “A EDS traz uma abordagem cognitiva, socioemocional e comportamental e busca fomentar competências-chave para atuação responsável dos cidadãos, a fim de lidar com os desafios do século XXI” (SÃO PAULO, 2017, p. 37).

Nessa perspectiva, a educação ambiental “pode ser uma preciosa oportunidade na construção de novas formas de ser, pensar e conhecer que constituem um novo campo de possibilidades de saber” (SATO; CARVALHO, 2005, p.12).

### **O projeto artesanato sustentável e sua relação com as questões de gênero e diversidade**

O *Projeto Artesanato Sustentável* teve início no dia 07 de março de 2022, data esta em que foram apresentados aos estudantes alguns modelos de objetos artesanais produzidos com materiais recicláveis e os objetivos dos trabalhos a serem desenvolvidos. A saber, no plano de desenvolvimento do referido projeto, programava-se trabalhar na construção de girafas utilizando como base jornal e cola, e, posteriormente, bonecas utilizando vidro, jornal e cola.

Antes de iniciar os trabalhos, os estudantes inscritos no projeto realizaram na escola uma campanha para arrecadação de resíduos sólidos urbanos a serem utilizados no desenvolvimento dos objetos artesanais. Os estudantes se organizaram em pequenos grupos e percorreram as salas de aula, solicitando vidros pequenos (de medicamentos ou de produtos alimentícios) e jornais para o início das atividades.

No processo inicial de arrecadação, obtiveram um número muito pequeno de vidros e nenhum jornal. Para solucionar a questão, a campanha foi estendida aos professores e demais funcionários da escola. Receberam uma boa quantia de vidros, mas novamente nenhum jornal. Nas conversas que tiveram com as pessoas que fizeram a doação dos vidros, identificaram que, devido à ampliação das ferramentas de acesso à internet, no contexto da comunidade escolar na qual o projeto foi desenvolvido, o jornal não é um material consumido pelas famílias.

Para solucionar a questão, a professora propôs aos estudantes que arrecadassem panfletos de oferta de supermercado que apresentassem a mesma textura do jornal. Ou seja, panfletos com aspecto de página de revista, devido sua baixa aderência à cola disponibilizada pela escola, não eram apropriados para a utilização das técnicas a serem aplicadas na confecção dos objetos artesanais. Dadas as orientações, os estudantes se mobilizaram e, finalmente, obtiveram uma quantia satisfatória de material para iniciar os trabalhos.

Com a arrecadação preliminar de materiais concluída, deram início à primeira etapa do projeto que consistia na confecção de canudos de jornal para montagem da estrutura do objeto artesanal. A etapa de montagem das girafas foi realizada com bastante tranquilidade, respeitando o tempo e as necessidades de interação dos estudantes, perdurando entre os meses de março e junho.

A realização das atividades artesanais proporcionou momentos de conversação e, conseqüentemente, a abordagem de diversos assuntos, dentre os quais o tema *sexualidade* se evidenciou no contexto de desenvolvimento desse projeto.

Maia e Ribeiro (2011) definem o termo *sexualidade* como sendo um vasto conceito que abrange sentimentos, comportamentos, valores e manifestações relacionadas à vida sexual e afetiva das pessoas. Trata-se de uma dimensão inerente à existência humana, que se expressa de modo subjetivo ou coletivo, a depender da cultura e do momento histórico. Tais aspectos são apreendidos durante a socialização e acompanha o indivíduo por toda sua trajetória de vida.

Louro (1997, p. 26), utilizando as palavras de Jeffrey Weeks afirma que "a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo". Para a autora a sexualidade é regulada através da censura, constituindo-se a partir de discursos reguladores que instauram saberes e produzem *verdades* a serem questionadas.

É importante destacar que o desenvolvimento das atividades do *Projeto Artesanato Sustentável* ocorreu em um espaço amplo, com agrupamentos de livre escolha. A disposição das mesas facilitou a circulação, o contato entre os grupos e permitiu que os diálogos sobre de temáticas diversas fossem construídas e compartilhadas com todos os ali presentes.

**Figura 1** – Etapa de montagem das girafas de jornal



Fonte: Acervo da autora

Os debates sobre as questões relativas gênero e diversidade também foram motivados pela presença de uma estudante transsexual, fato este, que despertava a curiosidade dos demais participantes do projeto sobre os *enigmas que circundavam esta identidade de gênero*. Os participantes mais novos, especialmente os estudantes do 6º ano, traziam muitos questionamentos a respeito do universo LGBTQIAP+<sup>2</sup>, que eram sempre respondidos com muita naturalidade por alguns participantes do projeto.

Enquanto produziam os objetos artesanais, questões de gênero e diversidade que adentram os portões da escola compunham a pauta principal dos estudantes nos encontros

<sup>2</sup> Sigla utilizada para se referir às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e pansexuais. O símbolo “+” no final da sigla engloba as demais orientações sexuais e de gênero, representando pluralidade.



semanais. Uma das conversas que chamou atenção foi a explanação feita por uma estudante a respeito da diferença entre orientação sexual e identidade de gênero:

**Estudante A:**

- *Heterossexual é a pessoa que fica com pessoa do sexo oposto. Homossexual é a pessoa que fica com pessoa do mesmo sexo. Bissexual é a pessoa que fica com menino e com menina.*

**Estudante B:**

- *Ah, homossexual é como a Bruna<sup>3</sup>?*

**Estudante A:**

- *Não, a Bruna é transsexual. Transsexual é a pessoa que não se identifica com o gênero de nascimento. Tipo... nasceu menino, mas sente que é uma menina e vice-versa, sabe? A Bruna se identifica como menina e gosta de menino, então ela é heterossexual!*

É interessante observar na fala dos estudantes que os dispositivos cerceadores *do que pode e do que não pode* ser verbalizado numa instituição escolar possuem estreita relação com os valores transmitidos a eles no seio familiar. Esse aspecto ficou evidente nas observações e escuta dos diálogos nos momentos de confecção dos objetos artesanais, pois foi possível perceber que alguns estudantes ficavam receosos por estarem ouvindo certas conversas, dando a impressão de que se sentiam fazendo algo errado. Ou seja, as discussões sobre gênero e diversidade não eram tidas *como naturais* para alguns estudantes.

A temática *sexualidade* traz em seu conteúdo cargas emocionais originadas da culpa, do medo, do preconceito e do pensamento equivocado de que determinados conhecimentos incentivarão as crianças/adolescentes a terem relação sexual ou práticas homossexuais. Quando, na verdade, trata-se de uma perspectiva que traz uma visão de corpo revestida de sentido humano e oferece instrumentos contra a quebra de tabus, preconceitos e padrões de comportamentos repressivos.

Pensar a escola numa perspectiva da promoção da educação para a diversidade humana requer posicionar-se contra a lógica tendenciosa de *inferiorização de certas identidades* que vêm sendo postas às margens da sociedade por uma *identidade que se vê como superior* às demais.

O homem branco, heterossexual, de classe média, urbana e cristão representa a identidade padrão, ou seja, configura a referência que não necessita ser declarada porque foi histórica e socialmente determinada. Com esse

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

entendimento, os sujeitos que não se enquadram nessas designações, são tidos como desviantes das expectativas sociais vigentes e, portanto, submetidos a diversas formas de preconceito e exclusão social, configurando assim, as relações de poder na sociedade (LOURO, 2003 apud VICENTE, 2021, p. 190).

Para Louro (2003), as identidades sociais somente são representadas se estiverem atreladas aos pertencimentos sociais, concebidos ao longo das experiências pessoais do sujeito. Nesse sentido, o trabalho pedagógico acerca da diversidade sexual humana deve considerar a realidade e o meio sociocultural dos estudantes, bem como seus valores, anseios, costumes e crenças. Isso posto, é oportuno questionar o que se ensina e a forma como se ensina.

Os assuntos discutidos nos momentos de interação dos participantes do projeto abriram possibilidades para que fossem expressos nos trabalhos manuais. Em meio a risos e relatos de cenas escolares, o artesanato seguiu apontando práticas de resistência contra os discursos hegemônicos no tocante à diversidade sexual humana. Quando informado ao grupo de estudantes que as cores e personalização das girafinhas eram de livre escolha, logo veio a primeira indagação:

**Estudante C:**

*- Posso pintar uma LGBT?*

**Professora:**

*- Claro que pode!*

**Estudante D:**

*- Eu também vou!*

**Estudante E:**

*- Vou fazer uma também!*

*Resistências brotam entre os portões da escola* na contramão dos discursos conservadores que controlam as dimensões pedagógicas da sexualidade com base na cultura patriarcal brasileira. Em vista da pouca abertura para a discussão identitária no ambiente escolar, o contexto desse projeto configurou-se como uma potente estratégia para discutir questões de gênero e diversidade sexual humana na sala de aula.

Sobre esse aspecto, a UNESCO (2010) aponta que tais abordagens são cerceadas de diversas formas nas instituições escolares. Não somente através de condutas ou normas

sociais, mas também em nível de legislação. No Brasil, não há leis ou documentos normativos que obriguem as escolas a vincular saberes às práticas educativas cotidianas no viés da diversidade sexual. Até mesmo nos documentos curriculares mais recentes, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada em 2017, a abordagem da educação sexual tem sido pautada nos aspectos biológicos e preventivos, silenciando questões importantes relativas à diversidade sexual (VICENTE, 2021).

Ainda conforme a mesma autora, a ausência da menção explícita na BNCC que esses temas devem ser contemplados nos currículos escolares, fez com que muitos professores e demais profissionais da educação entendessem que as diferenças de gênero e/ou orientação sexual “não poderiam ser abordadas em sala de aula, culminando numa atmosfera de censura e de silenciamento em torno de tais temáticas” (VICENTE, 2021, p. 161).

Com essa perspectiva, boa parte das crianças e adolescentes em idade escolar deixa de receber orientações claras, cientificamente fundamentadas, baseadas em valores humanos universais que fundamentam a vida em sociedade (UNESCO, 2010).

Ao término da construção dos primeiros objetos artesanais, obteve-se uma grande variedade de formas, cores e significados expressos nos trabalhos confeccionados pelos estudantes (figura 2).

**Figura 2** – Girafinhas personalizadas com cores representativas da diversidade



Fonte: Acervo da autora

A figura 3 destaca pinturas que reproduzem cores das diferentes bandeiras representativas do universo LGBTQIAP+. Nessa perspectiva, as práticas de resistência são

tramadas pela combinação das cores de modo sutil, mediante o uso de um artefato revestido de uma densa carga de significações.

**Figura 3** – Girafinhas personalizadas com cores representativas do movimento LGBTQIAP+



Fonte: Acervo da autora

Para Louro (2003), as identidades sociais, sexuais, de gênero, de raça, de nacionalidade e de classe são definidas no âmbito dos agrupamentos sociais a partir da cultura e da história. “Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas” (LOURO, 2003, p. 12).

Sob esta ótica, os sujeitos e as práticas culturais que recebem as marcas da diversidade são constituídos como *antinaturais* e alvos de intensa vigilância. Certas identidades e suas histórias quando presentes no cotidiano das instituições escolares, geralmente, sobrevêm em datas comemorativas muito pontuais (LOURO, 2012).

Como resultado, escolas infantis e cursos fundamentais reservam alguns momentos para "contemplar" esses sujeitos e suas culturas, enquanto professoras e professores bem-intencionados se esforçam para listar as "contribuições" desses grupos para o país — sua parcela na formação da música ou da dança, sua colaboração nas atividades econômicas ou nas artes etc. Nas escolas secundárias e superiores, reveste-se o evento com as roupagens adequadas para a faixa etária correspondente: promove-se um ciclo de palestras, convida-se um "representante" da minoria em questão ou se passa um filme seguido de um debate e, com tais providências, dá-se por atendida a tal ausência reclamada (LOURO, 2012, p.45, grifos da autora).

Para a autora, tais abordagens trazem as minorias sociais para o foco de atenção, mas o caráter de excepcionalidade do momento pedagógico reforça as marcas dessas identidades, que seguem apontadas como *identidades estranhas*. Nesse sentido, Louro (2012) tece um alerta quanto as táticas engendradas para garantir a hegemonia de certas identidades em detrimento de outras.

Precisamos prestar atenção às estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade "normal" e de todas as formas culturais a ela associadas; prestar atenção às estratégias que são mobilizadas para marcar as identidades "diferentes" e aquelas que buscam superar o medo e a atração que nos provocam as identidades "excêntricas". Precisamos, enfim, nos voltar para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições. É possível, então, que a história, o movimento e as mudanças nos pareçam menos ameaçadores (LOURO, 2012, p. 51, grifos da autora).

Retomando a análise dos trabalhos produzidos, em meados do mês de agosto demos início à segunda etapa do projeto: A confecção de bonecas utilizando, basicamente, vidro, jornal e cola. Nessa fase do projeto, já haviam arrecadado quantidade suficiente de matéria-prima para darem continuidade aos trabalhos.

**Figura 4** – Etapa de montagem das bonecas



Fonte: Acervo da autora

A fim de fornecer aos participantes do projeto uma referência visual da proposta de trabalho, a professora solicitou a uma das estudantes, que a critério de livre escolha, produzisse diferentes figurinos utilizando tintas de cores variadas (figura 5).

**Figura 5** – Personalização de figurinos produzidos por uma participante do projeto



Fonte: Acervo da autora

A escolha pela construção de personalidades de etnia negra se deu em virtude da importância que a representatividade desta exerce no âmbito educacional e do reconhecimento positivo dos povos africanos na formação social brasileira. A personalização das roupas ficou a critério de cada estudante. Como resultado, obtiveram bonecas com características e figurinos muito variados (figura 6).

**Figura 6** – Bonecas representativas da diversidade da etnia negra brasileira



Fonte: Acervo da autora

Representações permitem assinalar resistências, enfrentamentos e ressignificações. Precisamente porque essas tramas estão presentes de diversas formas nos saberes escolares e em todas as etapas de escolarização, revelando-se no espaço-tempo. A infinidade de diferenças entre os grupos sociais é um dos elementos responsáveis pelo progresso material e cultural da humanidade. Isso posto, não resta dúvida sobre a importância dessas representações para a construção da autoimagem e autoestima, assim como para autoafirmação e constituição das múltiplas identidades.

Muitos professores não se sentem seguros e preparados para abordar temas sensíveis em sala de aula, pois certos assuntos incutem a ideia de ilegalidade com relação as concepções de certos grupos. Uma fração desses profissionais possuem concepções de sexualidade marcadas por dúvidas, medos e tabus advindos da repressão familiar, religiosa e social. E, em geral, tende a reagir a partir de seus valores pessoais sobre o modo como foi construída a sua sexualidade e não de reflexões que lhes permitam dissociar seus princípios do direito dos estudantes de receber esclarecimentos sobre a sexualidade (MATTOS *et al.*, 2017 apud VICENTE, 2021, p. 97).

Não discutir esses temas em sala de aula, afirmam Mattos *et al.* (2017 apud VICENTE, 2021), é caminhar na contramão do que se entende atualmente por educação. Para superar os preconceitos gerados no ensino de questões sensíveis, os autores defendem que é preciso instrumentalizar os estudantes para que alcancem determinado nível de conscientização e expressem suas opiniões de forma plural e democrática. Mattos *et al.* (2017, apud VICENTE, 2021) argumentam ainda que o ideal é trabalhar esses temas no contexto de uma investigação.

Ademais, é preciso mencionar que é primordial instrumentalizar os professores para que possam trabalhar essa dimensão da formação humana desde os primeiros anos de escolarização. Em contrapartida, o corpo docente precisa abrir suas janelas da racionalidade, ter disposição e envolvimento com a formação para compreender melhor as nuances da diversidade humana e, dessa forma, estar mais preparado para ajudar os estudantes a se formarem integralmente, pois o conhecimento é capaz de *derrubar muros* e de desconstruir qualquer sentimento de tabu.

À luz dessas considerações, é possível afirmar que o contexto do *Projeto Artesanato Sustentável* se configurou como um espaço propício para debater e refletir sobre questões relacionadas à sexualidade, a partir de um viés didático e da desconstrução de valores historicamente enraizados na sociedade.

## Considerações finais

Quando iniciada as atividades do *Projeto Artesanato Sustentável*, a intenção era semear práticas de *Educação Ambiental* que se materializassem localmente, frente às necessidades de preservação do planeta em seu aspecto físico. Não se esperava que as *sementes da Educação Ambiental* pudessem seguir outros contornos em outros aspectos da vida humana.

Essa rica experiência foi uma oportunidade de conhecer outras perspectivas para trabalhar a temática *diversidade sexual* na escola e ressignificar o sentido da resistência. Resistir não é partir para o embate ou gerar conflitos para defender uma causa, mas buscar outros caminhos para romper com os discursos reguladores que produzem determinadas verdades, hierarquizam diferenças e geram desigualdades de gênero, de etnia e de classe em toda sociedade.

Conforme demonstrado ao longo desse relato, as abordagens de *Educação Ambiental* e das *artes visuais* se consolidaram no contexto do *Projeto Artesanato Sustentável* como uma potente estratégia para alimentar práticas de resistência frente aos discursos reguladores que produzem desigualdades no âmbito da sexualidade.

Resistência porque é uma forma de ocupar os espaços da escola e reivindicar o debate em torno do gênero e da sexualidade na instituição. Resistência porque essas práticas afetam a *ordem natural das coisas*. Resistência porque é percebido o quanto as desigualdades de gênero são latentes no contexto escolar. E, sobretudo, porque nessa dinâmica, tímida ou explicitamente, outras resistências são engendradas.

## REFERÊNCIAS

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. *et al.* **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.



LOURO, G. L. *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: Princípios para ação. **Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**: Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Brasília: Divisão de coordenação das prioridades da ONU em educação, 2010.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade. Ensino Fundamental**: Ciências Naturais. São Paulo: SME / COPED, 2017.

SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (org.). **Educação ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

VICENTE, L. da S. **A educação sexual nos documentos curriculares e na perspectiva de professores do ensino fundamental**. 2021. 348 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2021.

### *CRediT Author Statement*

**Agradecimentos**: Aos estudantes participantes do projeto pelos ensinamentos a mim proporcionados, cada um a seu modo, na sua subjetividade.

**Financiamento**: Não aplicável.

**Conflitos de interesse**: Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética**: Não aplicável

**Disponibilidade de dados e material**: Não aplicável

**Contribuições dos autores**: A obra é de autoria única, baseada na experiência profissional da pesquisadora.

**Processamento e editoração**: Editora Ibero-Americana de Educação.  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

